

TÍTULO: EXTENSÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COLÔNIA DE PESCA Z-10, ITAPISSUMA - PE (PROJETO MANGUEZAL EM NOSSA CASA - UNISOL 2002)

AUTORES: Soares, M. G¹.; Pedroza-Júnior, H. S².; Melo-Júnior, M³.; Barros, H. M.⁴.; Soares, A. P⁵

¹Bolsista PIBIC/FACEPE/CNPq, ²Biólogo, aluno da especialização em Oceanografia da UFPE, ³ Bolsista PIBIC/CNPq/UFRPE, ⁴Professor do Curso de Economia Rural da UFRPE, ⁵Professor do Departamento de Biologia da FAMASUL

¹UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

e-mail: hpj1@globo.com.br

ÁREA TEMÁTICA: Educação Ambiental

1. INTRODUÇÃO

O município de Itapissuma, localiza-se no litoral norte do estado de Pernambuco e está inserido no complexo estuarino-costeiro de Itamaracá (Barros, et al, 2000).

Atualmente a expansão turística e imobiliária tem sido motivo para preocupação no que diz respeito a conservação desse ambiente, visto que com esse aumento populacional na região e o aumento da urbanização de áreas, ocorre um maior aumento dos despejos orgânicos, aterros, atividades de pesca ilegal, aumento do tráfego de embarcações e etc. Esse crescimento do fluxo de pessoas na região e urbanização de áreas tem provocado a degradação da região, destruindo assim locais que servem de abrigo, área de reprodução, alimentação e desenvolvimento de várias espécies, como consequência disso ocorre o desaparecimento dessas espécies o que acaba sendo prejudicial tanto para o ambiente quanto para a população, no que diz respeito a sua economia.

Como o crescimento populacional e conseqüente expansão demográfica são inevitáveis, no caso do município de Itapissuma, visto que vem havendo um aumento muito grande tanto do turismo histórico, quanto gastronômico, acaba se havendo uma maior preocupação em se preservar os vários habitats encontrados na região e promover um plano de exploração auto-sustentável, a fim de se preservar áreas economicamente produtivas o que acarreta um benefício mútuo entre população e ecossistema.

Baseados em todos esses aspectos surgiu a necessidade de se trabalhar em cima das atividades de produção existentes, bem como a implantação de novas atividades que auxiliassem na auto-sustentação e redução do impacto ambiental na região, para tanto foi criado o projeto “Manguezal em nossa casa”, financiado pelo programa nacional de extensão, universidade solidária (UNISOL), que objetivou oferecer oficinas de educação ambiental, recursos pesqueiros, economia e reflorestamento de manguezal. Esse trabalho trata especificamente das oficinas de educação ambiental que foram ministradas a jovens da comunidade.

1.1 Breve histórico sobre a educação ambiental

Apesar de toda a propagação das ciências ambientais nos últimos anos, a educação ambiental ainda não tem alcançado a eficácia esperada. Muitos estudos tem sido dedicados a essa temática. Muitos autores acreditam que o mal êxito de E.A. está na falta de clareza dos seus objetivos, princípios e definições.(Sato, 1994).

Educação ambiental é um termo relativamente novo, embora a educação tenha sido sempre relacionada com o meio ambiente. Nas sociedades primitivas, a educação dos povos sempre incluía um envolvimento íntimo com a natureza. Originalmente esse termo parece ter surgido na disciplina de biologia, “a priori” restrito ao estudo dos vegetais (UNESCO & UNEP, 1983-1990).

A qualidade do ambiente ao longo dos anos vem passando por um processo de deteriorização substancial, isso acabou gerando uma grande preocupação das populações no sentido de resolver os problemas ambientais, entre outros temas surgiu a idéia de se criar e definir a educação ambiental e sua importância. Dentre os conceitos mais usados para definir a E.A. a descrição da UNESCO (1977) é internacionalmente aceita e recomendada desde 1970 (Conferência de E.A, em Nevada-USA), sendo ainda hoje a mais utilizada por muitos autores de vários países:

“A educação ambiental é o processo de reconhecimento de valores e elucidação dos conceitos que levam a desenvolver as habilidades e as atitudes necessárias para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios físicos. A E.A. também envolve a prática para as tomadas de decisões e para as auto-formulações de comportamentos sobre os temas relacionados com a qualidade do meio ambiente”.

1.2. Educação ambiental e sustentabilidade

A análise da sustentabilidade das atividades humanas vem sendo amplamente debatida, tendo como um dos primeiros marcos referenciais a Reunião da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento da Nações Unidas, em 1987. Desde então, cientistas de vários segmentos vêm envidando esforços no sentido de determinar os parâmetros sócio-econômicos, culturais e ecológicos da sustentabilidade das atividades humanas. (El-Dier, 1999).

São conhecidas as dificuldades para estabelecer procedimentos socialmente justos e executáveis voltados para a preservação de áreas sob intensa pressão antrópica, como é o caso de áreas de manguezais do nordeste.

A partir desses aspectos surge a real necessidade de se fazer um trabalho de educação ambiental, junto a comunidades que vivam principalmente nessas áreas, em especial esse trabalho buscou desenvolver essa atividade na comunidade pesqueira de Itapissuma, visto que além da riqueza de ambientes dessa região, uma boa parcela da população vive da pesca artesanal, utilizando assim de forma direta os recursos biológicos da áreas.

1.3. Porque trabalhar a questão ambiental com as comunidades

1. Promover a conscientização e a preocupação com as interdependências econômicas, políticas, sociais e ecológicas nas áreas urbanas e rurais.
2. Promover oportunidades para as que as pessoas adquiram conhecimento a respeito das questões necessárias para melhorar o ambiente.
3. Fazer com que as pessoas, sobretudo os jovens, compreendam a dependência do homem em relação a natureza para que seja feito um melhor uso dos recursos naturais.
4. Fazer com que as pessoas adquiram a base necessária para tomar decisões em relação aos problemas ambientais que afetam as comunidades onde moram.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foram realizadas oficinas de educação ambiental, dentro do projeto "Manguezal em Nossa Casa", financiado pela Universidade Solidária - UNISOL -, onde diversos temas ambientais foram abordados com jovens de 14 a 21 anos, todos da própria comunidade. As oficinas foram realizadas nas dependências da Colônia de Pesca Z-10, no período de março a junho de 2002.

As oficinas foram ministradas por alunos do curso de biologia, engenharia de pesca e ciências sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). As seguintes oficinas foram oferecidas e ministradas para a comunidade:

- **A Flora do Manguezal**
- **A Fauna Planctônica do Manguezal**
- **As Faunas Bentônica e Nectônica do Manguezal**
- **Os Vegetais do Manguezal**

Todas as oficinas foram ministradas de forma teórico-práticas e o aproveitamento por parte do grupo foi bastante satisfatório.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. A Flora do Manguezal

Essa oficina abordou conceitos introdutórios sobre fotossíntese e respiração vegetal, fitoplâncton, macroalgas e fanerógamas, enfatizando a importância primordial dos vegetais na produção de alimentos e energia para esse ambiente. Para os vegetais superiores, além de sua importância na produção primária dos ecossistemas, foram repassados conhecimentos à cerca dos mecanismos de adaptação que as árvores de mangue desenvolveram para sobreviver nos ambientes, tais como os propágulos, pneumatóforos, raízes aéreas e as glândulas de sal.

3.2. A Fauna Planctônica do Manguezal

Essa oficina procurou estabelecer uma consciência nos jovens sobre a importância do zooplâncton como organismos bioindicadores e como principais elementos na transferência de energia do fitoplâncton para os elos superiores. Além disso, foi enfatizada a participação das larvas de moluscos, crustáceos e peixes na comunidade zooplanctônica, destacando aquelas de importância sócio-econômica.

Após a construção dos conhecimentos, foi solicitado aos jovens que se dividissem em três equipes e elaborassem histórias em quadrinhos sobre a vida larval dos três principais grupos animais: Moluscos, Crustáceos e Peixes.

3.3. As Faunas Bentônica e Nectônica do Manguezal

Nesta oficina foram abordadas, principalmente, as características bioecológicas dos três grupos mais importantes na sócio-economia da região: moluscos, crustáceos e peixes. Após algumas explicações, os alunos foram levados ao ambiente manguezal, onde foi realizada uma aula prática sobre a zonação das espécies bentônicas, características comportamentais e adaptativas das principais espécies. Além disso, foram coletados espécimes da fauna e partes vegetativas das árvores de mangue para a elaboração de um Kit-Mangue. Foram repassadas aos jovens técnicas de artesanato, com temas do ambiente manguezal.

3.4. Os vegetais do manguezal

Tendo em vista da grande importância das árvores de mangue como base para um ecossistema diversificado e equilibrado, essa oficina foi implantada, acreditando que é através do conhecimento que podemos conservar e preservar nossos ambientes estuarinos. Para isto, foi elaborada uma

apostila sobre o tema e num primeiro instante, o texto foi lido e discutido em equipe. Os pontos abordados nesta oficina foram:

- Conceito e Morfologia dos Vegetais;
- A Fotossíntese e a Respiração dos Vegetais;
- Os Vegetais do Manguezal – Considerações Gerais;
- O Fitoplâncton e as Macroalgas
- As Árvores de Mangue: Distribuição por Zonas Fitológicas;
- Principais Espécies: *Rhizophora mangle*, *Avicennia schaeuriana* e *Laguncularia racemosa*.

As leituras e discussões desses pontos foram acompanhadas de exercícios correlatos da própria apostila, bem como foram aplicadas dinâmicas de fixação com desenhos sobre o tema. No geral, a oficina teve um aproveitamento crescente, evidenciado pelo grau de interesse dos alunos no decorrer da mesma. Com a finalização da oficina, observou-se que grande parte dos alunos conseguiu captar o assunto trabalhado, principalmente no que diz respeito às generalidades dos vegetais e às árvores de mangue.

4. CONCLUSÕES

Pudemos observar que apesar do grupo viver tão próximo aos manguezais e estarem de forma direta ou indireta envolvidos com a pesca artesanal, não tinham uma visão concreta da realidade do ambiente do manguezal, bem como os aspectos ambientais de modo geral. Também não possuíam noção da importância do ambiente para suas próprias vidas e para a natureza como um todo.

Pudemos concluir que uma prática de educação ambiental coerente e bem aplicada, pode derrubar preconceitos e levar informações necessárias as diversas camadas da população, dessa forma as pessoas podem expressar e compreender a realidade ambiental, sobretudo das regiões onde moram e assim podem tomar atitudes diante da sociedade e dos governos para resolver os problemas ambientais de suas comunidades.

No caso de Itapissuma, esses aspectos foram importantes também para que os jovens pudessem ter condições de desenvolver uma a partir do que foi aprendido alternativas de auto-sustentabilidade para suas famílias e para o próprio ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, H. M. *et al*, Gerenciamento participativo de estuários e manguezais. Recife, 2000. 252p.

EL-DIER, S. G. Gestão ambiental; I- Percepção ambiental e caracterização sócio-econômica e cultural da comunidade de Vila Velha, Itamaracá-PE (Brasil). Trab. Oceanográficos, UFPE, Recife-PE. 27 (1): 175-185, 1999.

UNESCO & UNEP (1983-1990). The environmental education series. From: number 1 to 30. UNESCO & UNEP publications.

SATO, M. (1992). How the environment is Written: A study of the utilization of textbooks in environmental education in Brazil and England. Unpublished M. Phil. Thesis, university of east Anglia.